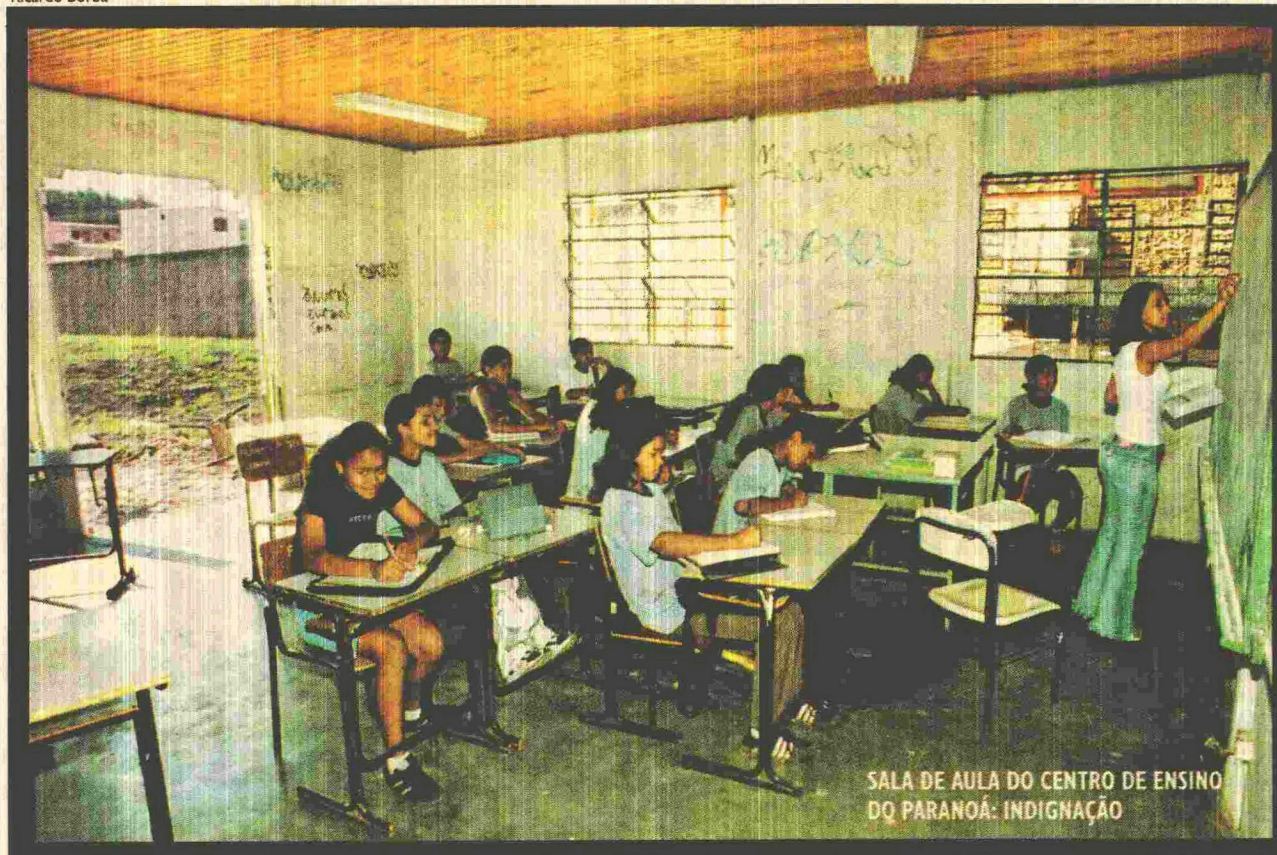


Estudantes de Centro de Ensino no Paranoá protestam contra as péssimas condições de ensino. Buracos nas paredes das salas são tão grandes que professora dá aula para duas turmas ao mesmo ao tempo. Governo promete transferir alunos no prazo de uma semana

Escola pública agoniza

Ricardo Borba



Tarciano Ricarto
Da equipe do **Correio**

O visitante desavisado que entrar no Centro de Ensino Fundamental 01 (CEF 1), no Paranoá, pode supor que ali funciona qualquer coisa menos uma escola. Por instantes, a imagem das salas de aula pode transportá-lo ao ambiente de uma cadeia, que ele só conhece pelas cenas de rebelião exibidas pela tevê. Banheiros destruídos e fedidos; paredes desabando e outras prestes a cair; instalações elétricas à mostra; vazamentos na tubulação de água; pichações nos quatro cantos da escola. Tudo conspira para compor um clima hostil ao aprendizado.

A reação de alunos, professores e funcionários ao descaso de anos seguidos com a escola explodiu num protesto ontem pela manhã. Com faixas e cartazes, 250 manifestantes saíram da ad-

ministração do Paranoá, caminharam pelas ruas da cidade e se dispersaram na porta da escola ao som de *Pra não Dizer que não Falei das Flores*, de Geraldo Vandré. Um carro de som do Sindicato dos Professores (Sinpro) puxou o grupo, que reivindicou um novo prédio para os 2.100 alunos da escola. O edifício seria o fim de uma saga que começou em 1999 — ano em que o CEF 1 se instalou provisoriamente no prédio construído no final dos anos 80.

Na escola, a cara da insegurança não se mostra apenas pela infra-estrutura precária, mas também pela violência que salta o muro e se instala dentro do colégio. “Sexta-feira passada, dois rapazes pularam o muro no período da tarde e agrediram um aluno no pátio. Na quinta-feira, quatro homens encapuzados invadiram a escola e forçaram a porta da diretoria durante a ma-

drugada. A sorte foi que a polícia chegou na hora”, conta o diretor da escola, José Carlos Franklin.

BURACOS NA PAREDE

Foram só os episódios mais recentes. A escola ainda coleciona casos de furto, de tráfico de drogas e de alunos armados em sala de aula. As ameaças de morte a professores, estudantes e funcionários também são comuns. “Eu me sinto muito inseguro aqui dentro”, confessa a professora de artes Zélia Santana, que usa da criatividade para transformar problema em solução. “Às vezes, quando falta um professor numa sala, dou aula para duas turmas ao mesmo tempo aproveitando o buraco que tem entre uma sala e outra”, conta Zélia.

Mas como os buracos são muitos, não há criatividade que chegue para minimizar os prejuízos à aprendizagem. “A falta de estrutura acaba interferindo na

REFORMA

R\$ 2,5 MILHOES

serão gastos para construir a nova sede do Centro de Ensino Fundamental 01, do Paranoá. A Secretaria de Educação ainda aguarda o empenho — cheque que autoriza a execução da obra.

disciplina. É impossível prender a atenção de alunos que estão se comunicando com outros por um buraco na parede”, lamenta o diretor José Carlos. Na sala onde estudam os alunos da 6ª série G, o que um dia começou como um buraco virou desde segunda-feira um verdadeiro rombo.

Ele dá acesso aos fundos da escola, atrapalha as aulas e serve de passagem para malfetores. “Um dia eles pularam o muro da escola, entraram durante a aula pelo buraco e foram para o pátio. A professora não pôde dizer nada com medo de ser ameaçada”, conta uma aluna da 6ª série, que preferiu o anonimato. “É muito ruim estudar aqui. Às vezes, o sol bate forte e atrapalha a gente”, queixa-se Leonardo Lopes, 13 anos.

TRANSFERÊNCIA

Afora os buracos, outros problemas incomodam alunos e professores. João Gomes Pereira, pai de uma aluna, conta que um pedaço de madeira despencou do teto e caiu ao lado de sua filha, Juliana Cassimiro Gomes, 11 anos, durante a aula. O projeto de construir uma nova escola é antigo. Mas encalhou na burocracia durante anos. Depois de concluído os

trâmites legais, faltou o local para aonde remanejar os alunos durante as obras.

Mara Gomes, diretora de Programação e Controle da Subsecretaria de Planejamento, da Secretaria de Educação, justifica que a outra escola do Paranoá que receberia os alunos do CEF 1 não ficou pronta. A solução foi oferecer o espaço de uma outra escola que acabou de ser concluída, na 912 Norte, do Plano Piloto.

A Secretaria de Educação vai oferecer 20 ônibus para transportar os alunos da manhã e 14 para levar os que à tarde. Os alunos da noite serão atendidos pelo Caic Santa Paulina, que fica nos fundos do CEF 01. “Temos um prejuízo. Mas, com o apoio dos professores, decidimos que os alunos não vão pagar por isso”, garante Mara. A previsão é que a transferência comece dentro de uma semana. (Colaborou Mariana Moreira)